

O SÉCULO XX E SEUS POETAS: *EL ORO DE LOS SIGLOS*, DE JOSÉ JAVIER VILLARREAL

Tieko Yamaguchi Miyazaki*

Sob o título *El oro de los siglos*, de José Javier Villarreal (1959), reúnem-se vinte e um pequenos ensaios publicados durante anos em um jornal mexicano. Títulos como “Atrás da cerca do pátio”, “O poeta e suas janelas fechadas”, “O poeta em sua casa”, “Uma épica de agora”, “O ditado da música” não dão conta de imediato da gama de poetas escolhidos para cada um deles. Só um levantamento, capítulo por capítulo. Todos do século XX. Alguns poucos conhecidos do público brasileiro, muitos provavelmente desconhecidos pelo menos da grande maioria de leitores de poesia: o espectro geográfico, amplo, se estende da Rússia às Américas; oportuno, por isso, citar a todos, identificados pelo lugar de morte: Georg Trakl (Cracóvia), Pierre Reverdy (Solesmes), Boris Pasternak (Peredélkino), Edith Sodergran (Carelia), Pablo Neruda (Santiago), W. H. Auden (Viena), René Char (Paris), Joseph Brodsky (Leningrado), Zbigniew Herbert (Varsóvia), Igeborg Bachmann (Roma), John Ashbery (Rochester), Ted Hughes (Devon), Odysseus Elytis (Atenas) Vladimír Holan (Praga), Umberto Saba (Gorizia), Néstor Perlongher (São Paulo), César Moro (Lima), Wislawa Szymborska (Kórnik), Emilio Adolfo Westphalen (Lima), Dulce María Loynaz (Havana), Manuel Bandeira (Rio de Janeiro).

Especialista em literatura espanhola, apaixonado pela lírica, Villarreal transita nesse campo da arte literária, abarcando-o desde os seus primórdios na cultura ocidental. Com desenvoltura e segurança tal que a todo momento convoca, para confirmar, ilustrar o que diz ou para enriquecer a sua conversa, um círculo heterogêneo — no tempo e no espaço — de pares, criando, com isso, um feixe polifônico de vozes, em que mergulha prazerosamente o leitor. Pares poetas, não teóricos. Diz ele que o que o moveu a esse projeto foi verificar como em um século tão violento se produziram tão bons poetas. Daí o seu prazer em escrever sobre eles.

Estão acima apontadas duas das circunstâncias que determinam a feitura do livro: de um lado, a origem dos textos; de outro, o currículo do autor. A primeira, determinando não só a dimensão e a estruturação do discurso, como, também, a relação com o destinatário-leitor. Afirma o autor que o seu livro é um guia a quem goste de poesia, e não propriamente a quem está capacitado por uma educação formal. A segunda, além de pesquisador e professor (na Universidad Autónoma de Nuevo León, Monterrey, México), Villarreal é, antes de tudo, poeta: desde 2006, pertence ao Sistema Nacional de Creadores de Arte, e fez sua pós-graduação em El Paso (Texas) em Escritura Creativa. Com publicação desde 1982, recebeu seu primeiro prêmio em 1987, seguido de três outros.

O primeiro capítulo se abre com estas palavras:

Luz que transparenta el cuerpo de la realidad, que enciende y devuelve la materia del milagro, el instante del hombre sobre la tierra, la posibilidad de contemplar la belleza, la honda e palpitante huella de la vida. (VILLARREAL, 2012, p. 05).

* Professora do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), *campus* de Tangará da Serra. E-mail: tymctba@hotmail.com

Só no segundo parágrafo é que se introduz o poeta focalizado: Umberto Saba (Trieste, 1883 – Gorizia, 1957), a que assim se caracteriza:

[...] pertenece a la familia de los bardos que nos muestra la clara complejidad de la vida apartándose de la sucia complicación de lo falso. Su tono está pinchado por la agudeza del dolor. Del dolor de vivir la plenitud exprimiendo la fruta hasta saborear el amargor último del zumo. [...] Saba, heredero del escrutinio del instante que otorga la pasión, se detiene y canta la victoria del cuerpo en movimiento, del zapato hollando la tierra, del crujir de los diminutos pedruscos. (VILLARREAL, 2012, p. 05).

Uma apreciação sintética do poeta apresentado, elaborada dentro de parâmetros daquilo que Villarreal mais sabe fazer: poesia.

Nos vinte e um ensaios é essa a orientação seguida. Em vários deles, o leitor é levado pela expressão poética, e assim vivencia aquilo que alguém disse caracterizar a relação — de sedução — que se implanta entre o destinador e o destinatário: a vontade de ir logo ao poema, à obra analisada. E o leitor é brindado com escolhas muitas vezes bastante felizes, ainda que o autor – do livro – nelas não muito se detenha, devido ao espaço de origem, o jornal. Dentre essas escolhas cito, quase ao acaso, dois poetas hispano-americanos: a dolorida cubana Dulce María Loynaz (1902-1997) com seu *La novia de Lázaro- fragmento VI*, cuja “Inteligencia – la suya” – segundo Villarreal (2012, p. 42) –, “con incesante y acerada punta va horadando el mundo del silencio y la negación”, e o peruano César Moro (1903-1956), com o poema insólito (“poema limite”, classifica Villarreal), denominado “Lima la horrible, 24 de Julio o agosto de 1949”. São indicações apenas.

Nesse conjunto, dois capítulos chamam a atenção por algo que está mais além do padrão argumentativo dos demais, a que o autor parece dedicar mais espaço. “El poeta y sus motivos” focaliza o peruano César Moro, divulgador do surrealismo, o quase andarilho que, indo e vindo, troca o espanhol pelo francês. Para Villarreal, é daqueles em que “[o inferno] no alcanzó a definirse del todo en sus obras y se quedó como una región brumosa habitada por sombras” (VILLARREAL, 2012, p. 55). E conclui:

“Poetas líricos, eminentemente, que a partir de su sentimentalidad desarrollaron la savia de su transgresión [...] César Moro, Xavier Villaurrutia, Emilio Adolpho Westphalen y Murilo Mendes no pertenecen a escuela alguna. Decir de ellos que su obra se agota en una estética de manifiesto es, simplemente, no haberlos leído. (VILLARREAL, 2012, p. 55).

Já “El poeta y sus lectores”, um discurso mais complexo, se bem que não menos claro, não parece ser prioritariamente sobre um determinado poeta, mas se movimenta num vaivém de contestação e afirmação ao retrair as vicissitudes da fortuna crítica de Pablo Neruda, a relação de seus leitores com a sua obra e sua figura, para, à distância agora, chegar a um balanço mais acertado de seu lugar.

Desta maneira, um objetivo do livro, senão o objetivo central, se cumpre, manifestando-se, talvez, na vontade que se apodera do leitor de, uma vez lido o livro todo, voltar a lê-lo transformado, agora, em um novo volume, só dos poemas selecionados. Afinal, diz Villarreal (2012, p. 141): “La única historia es el poema. La revelación del poema es la verdad del poeta. La vida de un poeta nos interesa justamente como eso: como la obra de un poeta. Lo demás, no nos corresponde”. Para, depois, voltar e retomar a conversa (uma nova) com o autor.

Cumpra-se esse objetivo porque outra característica do livro – e do autor – é que, da mesma forma que em seu estilo expressivo, o poeta se faz presente,

de forma insistente, numa outra característica dos capítulos. Estes não só focalizam poetas e poemas amados. A reflexão sobre estes se faz sempre acompanhar por uma reflexão sobre o que são a poesia, o poema, o poeta. Esses tecido e tessitura reflexiva criam a impressão de que vão oferecendo-se como parâmetro à leitura e à fruição do poema escolhido, ao mesmo tempo em que o próprio discurso do autor se coloca como amostra daquilo que ele entende por fruir a literatura:

Leer un poema equivale a exponernos a dicha fuerza, a una carga tal de humanidad que exige el peso de la emoción y del temblor de la experiencia, de la vida vivida. Pero intentar la travesía de una obra nos coloca en situación de riesgo, nos sitúa en la playa donde Odiseo se pregunta, ante tanto obstáculo, si vale la pena seguir soñando el regreso. (VILLARREAL, 2012, p. 23).

MIYAZAKI, T. Y. The twentieth century and its poets – *El oro de los Siglos*, by José Javier Villarreal. **Olho d'água**, São José do Rio Preto, v. 6, n. 1, p.158-160, 2014.

Referências

VILLARREAL, J. J. *El oro de los siglos*. Puebla: Universidad Autónoma de Puebla, 2012. (Col. La abeja de Perséfone).